Rapazes e raparigas – desiguais desempenhos académicos

(Caso do Arquipélago da Madeira no período compreendido entre 1994 e 2000)

Após décadas de "exclusão" escolar, o género feminino começou a impor-se nos contextos educativos ultrapassando o sexo oposto, quer quantitativa quer qualitativamente.

Esta vantagem das raparigas sobre os rapazes em termos de aproveitamento escolar e consequente prossecução dos estudos, tem vindo a acentuar-se temporalmente assumindo contornos preocupantes, bastante visíveis através das estatísticas oficiais do ensino escolar. Estas, demonstram que a supremacia feminina se faz sentir não só temporalmente mas que acresce à medida que aumentam os ciclos de estudos, atingindo o seu expoente máximo no ensino universitário.

O presente trabalho, efectuado com base nos dados disponíveis relativos ao Arquipélago da Madeira, avalia de que modo este fenómeno afectou cada um dos géneros, no período compreendido entre 1994 e 2000 nos três ciclos que actualmente integram a escolaridade obrigatória. Assim, a análise dos comportamentos perfilhados por cada sexo durante estes ciclos escolares ao longo de seis anos lectivos, permite delinear o perfil evolutivo e diferencial dos percursos escolares masculinos e femininos, mormente no que concerne à progressão e abandono escolares neste espaço insular.

Alice Mendonça

Rapazes e raparigas – desiguais desempenhos académicos
(Caso do Arquipélago da Madeira no período compreendido entre 1994 e 2000)

Alice Mendonça

Introdução

Historicamente o desenvolvimento das políticas de instrução obrigatória seguiu um percurso sexualmente desigual e condicionado pela classe social de pertença. Deste modo, há algumas décadas, as filhas dos operários raramente passavam do nível da instrução primária enquanto que a possibilidade de ingresso num curso superior e numa carreira profissional, só era efectivamente possível para as mulheres das classes abastadas.

Contudo, a igualização das oportunidades escolares em ambos os sexos, que se verificou ao longo dos últimos anos, possibilitou a escolarização feminina e o progressivo ingresso das raparigas em itinerários escolares outrora quase exclusivamente masculinos.

Neste novo cenário, a participação das raparigas tornou-se particularmente visível no espaço escolar, pois além de se tornarem sensivelmente maioritárias, manifestam uma dupla vantagem: mais numerosas e melhor sucedidas nas suas realizações escolares, (Grácio, 1997, pp. 51-52) tal como demonstram as estatísticas oficiais do ensino escolar.

As fontes e as opções metodológicas

Para a apreciação deste fenómeno na R.A.M.,[1] procedemos ao levantamento de dois tipos de fontes: os Recenseamentos de 1991 e 2001 que permitiram o apuramento dos indicadores do estado da população madeirense, nomeadamente a sua dimensão, estrutura e delimitação espacial e ainda a base de dados da Direcção Regional de Planeamento e Recursos Educativos que contemplava todas as escolas desta Região, durante os anos lectivos compreendidos entre 1994 e 2000, relativamente ao número de alunos matriculados, aprovados e retidos, em cada ano de escolaridade, discriminando o sexo, as transferências e as saídas do sistema escolar.

Este último suporte de informação, espacial e anualmente desagregada[2] à data da sua recolha, manifestou-se a fonte privilegiada para encetar o presente estudo, visto possibilitar o seu tratamento e análise.

---

[1] Região Autónoma da Madeira.
[2] À excepção do item *saídas do sistema*.

Os dados referentes a este período cronológico que nos propusemos estudar, particularizavam a situação de cada concelho, escola e nível de ensino, relativamente a matrículas, transferências, aprovações, reprovações e ainda *saídas*[3] do sistema escolar.

Embora nas *saídas* se incluíssem[4] situações distintas, tais como óbitos, deslocação para o Continente português, emigração e ainda o próprio abandono escolar registado nas Comissões de Menores, a impossibilidade de desagregar estes dados, condicionou-nos a utilizá-los como sinónimo de abandono escolar, visto que quer as deslocações para o Continente, quer os óbitos ou mesmo a emigração, apresentavam valores bastante reduzidos.[5] Por outro lado, a nossa deslocação ao Tribunal de Menores, ao confrontar-nos com números consideráveis de processos envolvendo situações de abandono escolar sugeriram-nos que as *saídas* traduziam com maior frequência o abandono escolar, inversamente às outras três situações (deslocações para o Continente, óbitos e emigração) aspecto que se revelou decisivo na opção pela metodologia que decidimos utilizar e que, como já referimos, consistiu em tratar os valores das *saídas* como *abandonos*.

Uma vez que esta base de dados foi constituída mediante o preenchimento manuscrito de um inquérito por parte de cada estabelecimento de ensino da Região[6], encetámos o contacto directo com algumas escolas para avaliar da eficiência deste procedimento. Concluímos então que esta incumbência se pautou por critérios distintos; enquanto alguns Directores Executivos incluíram nas estatísticas das reprovações os alunos que deixaram de frequentar a escola no decorrer de um ano lectivo, por se encontrarem abrangidos pela escolaridade obrigatória e consequentemente não poderem sair do sistema, outros optaram por colocá-los na rubrica das *saídas do sistema*.

Esta constatação permitiu depreender que os valores das reprovações não se limitaram a incluir apenas os alunos que frequentaram a escola e não obtiveram aproveitamento, mas também aqueles que não foram avaliados por falta de assiduidade (quer se tratasse de abandono pontual ou definitivo) e devido a este facto não transitaram.

---

[3] Estas incluem óbitos, emigração, deslocações para o continente português e abandono escolar registado nas Comissões de Menores.

[4] De acordo com a indicação constante na nota de rodapé da base de dados.

[5] Para estas situações consultámos as Estatísticas Demográficas referentes à Emigração e à Mortalidade, cujos valores eram pouco significativos quando comparados com o abandono escolar. Embora conscientes da margem de erro em que incorremos, pareceu-nos ser esta a metodologia mais adequada face à inexistência de alternativas susceptíveis de suprir esta lacuna.

[6] Região Autónoma da Madeira.

Face a este cenário, as margens de erro na análise destes dois indicadores - saídas do sistema (abandono escolar) e reprovações - são uma realidade que não pode ser obviada. Não obstante, consideramos que os dados disponíveis são susceptíveis de, com maior ou menor fidedignidade, facultarem uma panorâmica da realidade escolar madeirense durante este período, no que concerne ao comportamento manifesto por cada género.

Metodologicamente, começamos por proceder ao cômputo da aprovação, da retenção e do abandono escolares, em valores absolutos e relativos que serão apresentados em quatro tabelas, que se reportam respectivamente a cada um dos três ciclos e à situação global de todos eles, no que concerne à evolução do número de alunos matriculados,[7] na R.A.M., segundo o sexo, ano lectivo e ciclo de estudos. Além destes indicadores, as tabelas contemplam ainda todos os alunos que abandonaram o sistema de ensino, progrediram e reprovaram, assim como as respectivas taxas. Estas pautaram-se pelos seguintes critérios:

TP = Taxa de progressão

$$\boxed{TP = \frac{P}{NI}.100}$$

onde:

P = Número de alunos que progrediram

NI = Número de alunos inscritos

TR = Taxa de reprovação

$$\boxed{TR = \frac{R}{NI}.100}$$

onde:

R= Número de alunos reprovados

NI = Número de alunos inscritos

TAb = Taxa de abandono

$$\boxed{TAb = \frac{Ab}{NI}.100}$$

[7] Após a realização do saldo das transferências.

onde:

TAb = Número de alunos que saíram do sistema

NI = Número de alunos inscritos

Todavia, não queremos deixar de realçar que os indicadores – reprovação e progressão – assentam em critérios de mensuração que, não obstante a uniformização de currículos, não significam necessariamente a aplicação de critérios de exigência iguais. Assim, a validade e a subjectividade destes indicadores poderá ser equacionada, porquanto é variável face às exigências de cada professor, às necessidades do sistema, à especificidade social de cada contexto e mesmo de cada aluno. Ou seja, podemos equacionar até que ponto se reveste de objectividade uma comparação de rendimentos escolares. Por outro lado, não podemos deixar de referir que a taxa de reprovação constitui também um indicador grosseiro para medir o rendimento escolar, uma vez que neste caso, nos oculta a qualidade do (in)sucesso.

Outro aspecto relevante a considerar é o facto de cada ano lectivo se iniciar com um número x de alunos matriculados, onde se incluem aqueles que tendo aprovado continuam a proceder à sua inscrição e ainda aqueles que, não tendo aprovado, continuam a realizar a sua inscrição no mesmo ano curricular. Assim, embora detalhados, os nossos dados não referem as situações de repetência, pelo que temos de considerar todos os alunos como tendo efectuado a sua matrícula pela primeira vez. Ou seja, o nosso NI contempla quer os alunos repetentes, quer aqueles que se inscreveram pela primeira vez num determinado ano lectivo.

Embora os conceitos de *repetência*[8] e *reprovação*[9] sejam conceptualmente distintos, o facto da nossa fonte não especificar quais os alunos que se matricularam na condição de repetentes e o propósito de evitar o uso repetitivo de vocábulos, nortearam a nossa opção pela utilização das duas terminologias com sentido de equivalência.

Deste modo, ao longo do texto, a *repetência*, a *reprovação* e ainda o *insucesso escolar* são utilizados reportando-se à mesma realidade, ou seja, aos alunos que não obtiveram aproveitamento no final de um ano lectivo.

---

[8] A repetência refere-se à inscrição de um aluno na condição de repetente.

[9] A reprovação reporta-se à situação escolar de não progressão de um aluno, obtida no final de um ano lectivo.

Uma vez que a distribuição do sucesso e do abandono escolar[10] não se apresenta igual em ambos os sexos, considerámos pertinente destacar, em dois gráficos, o comportamento de cada um deles. Mediante a adopção de uma metodologia idêntica para ambos os fenómenos, com a desagregação dos dados por nível de estudos, ano lectivo e sexo, as eventuais discrepâncias de género face a este problema adquirem uma visibilidade global.

Por outro lado, o contacto com alunos vitimados por sucessivas reprovações conduziu-nos à realização de um estudo etnográfico, complementar da análise estatística. Ou seja, não nos limitámos a saber *quantos reprovam e abandonam a escola*, mas a complementar estes dados com a questão *por que reprovam e abandonam a escola.*

Análise dos dados estatísticos

TABELA 1. SITUAÇÃO ESCOLAR DO ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA NO TOTAL DO 1º CICLO (1994/2000)

ANOS LECTIVOS	ALUNOS MATRICULADOS		SAÍDA DO SISTEMA	%	PROGRESSÃO	%	RETENÇÃO	%
1994/1995	FEMININO	9097	68	0.8	7682	84.4	1347	14.8
	MASCULINO	10538	121	1.1	8154	77.4	2263	21.5
	TOTAL	19635	189	1.0	15836	80.7	3610	18.4
1995/1996	FEMININO	8679	71	0.8	7395	85.2	1213	14.0
	MASCULINO	9998	128	1.3	7844	78.5	2026	20.3
	TOTAL	18677	199	1.1	15239	81.6	3239	17.3
1996/1997	FEMININO	8468	76	0.9	7301	86.2	1091	12.9
	MASCULINO	9710	116	1.2	7821	80.5	1773	18.3
	TOTAL	18178	192	1.1	15122	83.2	2864	15.8
1997/1998	FEMININO	8193	54	0.7	7083	86.4	1056	12.9
	MASCULINO	9237	89	1.0	7411	80.2	1737	18.8
	TOTAL	17430	143	0.8	14494	83.2	2793	16.8
1998/1999	FEMININO	7887	21	0.3	6831	86.6	1035	13.1
	MASCULINO	8902	67	0.8	7117	79.9	1718	19.3
	TOTAL	16789	88	0.5	13948	83.1	2753	16.4
1999/2000	FEMININO	7837	52	0.7	6774	86.4	1011	12.9
	MASCULINO	8717	85	1.0	6951	79.7	1681	19.3
	TOTAL	16554	137	0.8	13725	82.9	2692	16.3

A apreciação da Tabela 1 permite-nos constatar que o cômputo total do volume de alunos inscritos no 1º ciclo ao longo deste período no Arquipélago da Madeira decresceu de forma gradual e sistemática. Deste modo, enquanto que no ano lectivo de 1994/95 se encontravam matriculados neste ciclo 19635 alunos, o número diminuiu para 16554 em 1999/2000, o que em termos absolutos representou uma perda de 3090 alunos. Ou seja, o sistema educativo perdeu 15,7 % da sua população.

[10] Consideramos que o abandono escolar também constitui uma forma de insucesso.

No que concerne às matrículas, o volume de rapazes inscritos apresentou um volume sistematicamente superior ao das raparigas, demonstrando que a relação de masculinidade se patenteou neste ciclo.[11]

Embora com valores inconstantes entre cada ano lectivo, as saídas do sistema registaram nos três últimos anos em estudo taxas ligeiramente inferiores aos três anos iniciais, com uma incidência predominantemente masculina. Note-se a este propósito que não deixa de ser extremamente preocupante o facto de o abandono escolar penalizar o ciclo inicial, assim como a incapacidade manifesta do sistema educativo no sentido de debelar este flagelo.

Em termos globais, a retenção baixou apenas dois pontos percentuais durante o período em estudo, o que significa que o insucesso escolar se manteve como situação constante, com taxas que oscilaram entre os 18,0 % e os 16,0 %. Por outro lado, a sua incidência no sexo masculino demonstrou de forma inequívoca que a predisposição e motivação escolar dos rapazes é inferior à das raparigas,

TABELA 2. SITUAÇÃO ESCOLAR DO ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA NO TOTAL DO 2º CICLO (1994/2000)

ANOS LECTIVOS	ALUNOS MATRICULADOS		SAÍDA DO SISTEMA	%	PROGRESSÃO	%	RETENÇÃO	%
1994/1995	FEMININO	4386	51	1.2	4033	92.0	302	6.8
	MASCULINO	4751	80	1.7	4117	86.7	554	11.7
	TOTAL	9137	131	1.4	8150	89.2	856	9.4
1995/1996	FEMININO	4330	51	1.2	3979	91.9	300	6.9
	MASCULINO	4710	81	1.7	3927	88.4	702	14.9
	TOTAL	9040	132	1.5	7906	77.5	1002	11.1
1996/1997	FEMININO	4289	62	1.4	3847	89.7	380	8.9
	MASCULINO	4585	53	1.2	3729	81.3	803	17.5
	TOTAL	8874	115	1.3	7576	85.4	1183	13.3
1997/1998	FEMININO	4155	38	0.9	3664	88.2	453	10.9
	MASCULINO	4642	96	2.1	3620	78.0	926	19.9
	TOTAL	8797	134	1.5	7284	82.8	1379	15.7
1998/1999	FEMININO	4141	59	1.4	3667	88.6	415	10.0
	MASCULINO	4655	79	1.7	3685	79.2	891	19.1
	TOTAL	8796	138	1.6	7352	83.6	1306	14.8
1999/2000	FEMININO	3994	71	1.8	3462	86.7	461	11.5
	MASCULINO	4620	106	2.3	3570	77.3	944	20.4
	TOTAL	8614	177	2.1	7032	81.6	1405	16.3

O 2º ciclo manteve a tendência constante do decréscimo do volume de população escolar, embora a relação de sobremasculinidade ainda se fizesse sentir. Aqui, a perda de alunos, menos significativa do que no 1º ciclo, cifrou-se nestes seis

[11] A relação de masculinidade nos nascimentos é de cerca de 105. Ou seja, por cada 100 raparigas nascem 105 rapazes.

anos em 5,7 % (Cf. Tabela 2), consequência do envelhecimento da população que nos grupos etários mais jovens decorreu do decréscimo dos níveis de fecundidade.

As saídas do sistema escolar, que no 1º ciclo não ultrapassavam 1,0 %, surgiram no 2º ciclo bastante mais acentuadas e com um agravamento que se fez sentir no último ano em estudo, visto que 2,1 % dos alunos abandonou a escola. Contudo, embora a taxa de abandono fosse neste ciclo mais elevada do que no inicial, em termos absolutos o número de alunos em situação de abandono no 2º ciclo foi inferior ao número registado no 1º ciclo.[12]

Ambos os fenómenos – retenção e abandono escolar – atingiram de forma mais intensa os rapazes e no caso da retenção a taxa do sexo masculino duplicou mesmo o valor apresentado pelo sexo oposto. Ou seja, a discrepância de sucesso entre os géneros, já notória no ciclo inicial, acentuou-se no 2º ciclo.

TABELA 3. SITUAÇÃO ESCOLAR DO ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA NO TOTAL DO 3º CICLO (1994/2000)

ANOS LECTIVOS	ALUNOS MATRICULADOS		SAÍDA DO SISTEMA	%	PROGRESSÃO	%	RETENÇÃO	%
1994/1995	FEMININO	6562	143	2.2	5807	88.5	612	9.3
	MASCULINO	6037	190	3.1	4937	81.8	910	15.1
	TOTAL	12599	333	2.6	10744	85.3	1522	12.1
1995/1996	FEMININO	6155	123	2.0	5253	85.3	779	12.7
	MASCULINO	5941	170	2.9	4722	79.5	1049	17.7
	TOTAL	12096	293	2.4	9975	82.5	1828	15.1
1996/1997	FEMININO	6168	142	2.3	5039	81.7	987	16.0
	MASCULINO	5787	210	3.6	4406	76.1	1171	20.2
	TOTAL	11955	352	2.9	9445	79.0	2158	19.1
1997/1998	FEMININO	6259	131	2.1	5266	84.2	859	13.7
	MASCULINO	5729	194	3.4	4441	77.5	1094	19.1
	TOTAL	11988	325	2.7	9707	81.0	1953	16.3
1998/1999	FEMININO	6100	200	3.3	5110	83.8	790	12.9
	MASCULINO	5857	258	4.4	4465	76.2	1092	18.6
	TOTAL	11957	458	3.8	9575	80.1	1882	15.7
1999/2000	FEMININO	5940	171	2.9	4889	82.3	880	14.8
	MASCULINO	5708	285	5.0	4239	74.3	1184	20.7
	TOTAL	11648	456	3.9	9128	78.4	2064	17.7

A Tabela 3 referente ao 3º ciclo demonstra que também aqui a população escolar registou um decréscimo nos seus efectivos. De 12599 alunos inscritos no ano lectivo 1994/95, passou-se para 11648 em 1999/2000, o que representou uma diminuição de 7,5 % neste contingente escolar. A excepção residiu no ano lectivo de 1997/98, onde o aumento de 33 alunos poderá ser eventualmente decorrente da taxa de reprovação que no ano anterior fora excepcionalmente elevada. Deste modo, não podemos excluir a

[12] Tal facto deve-se à circunstância de o contingente escolar do 2º ciclo ser menor porquanto contempla apenas dois anos curriculares.

possibilidade de os alunos repetentes terem efectuado novas matrículas, cujo volume considerável terá conseguido provocar um ligeiro acréscimo no contingente escolar.

Neste ciclo, as saídas do sistema foram mais expressivas do que nos anteriores. Assim, além de nos depararmos com uma taxa de abandono cujos valores oscilaram entre 2,4 % e 3,9 %, foi ainda possível constatar que este fenómeno se agravou nos dois últimos anos lectivos em estudo (1998/99 e 1999/2000). Contudo, em todos os anos lectivos que analisámos, os rapazes detiveram a primazia no abandono escolar, donde se depreende que a motivação para a frequência escolar foi mais intensa no sexo feminino. Ao invés, a realidade demonstrou que os rapazes preferiam o ingresso precoce no mundo do trabalho à permanência na escola. Deste modo, desprovidos de habilitações académicas, detêm ocupações de carácter geralmente precário, onde a dispensa de qualquer qualificação profissional é consonante com a remuneração auferida.

A predominância do abandono e da retenção por parte do sexo masculino expressou-se no número de rapazes inscritos no 3º ciclo. O volume de raparigas excedeu o dos rapazes matriculados esbatendo assim a relação de masculinidade. Posto isto, facilmente se depreende que a sobrevivência escolar masculina foi inferior à do sexo oposto. Assim, o 3º ciclo foi duplamente dominado pelo sexo feminino, quer através do seu volume populacional quer mediante os valores que apresentou face ao sucesso escolar.

TABELA 4. SITUAÇÃO ESCOLAR GLOBAL DO ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA NO TOTAL DA ESCOLARIDADE OBRIGATÓRIA (1994/2000)

ANOS LECTIVOS	ALUNOS MATRICULADOS		SAÍDA DO SISTEMA	%	PROGRESSÃO	%	RETENÇÃO	%
1994/1995	FEMININO	20045	262	1.3	17522	87.4	2261	11.3
	MASCULINO	21326	391	1.8	17208	80.7	3727	17.5
	TOTAL	41371	653	1.6	34730	83.9	5988	14.5
1995/1996	FEMININO	19164	245	1.3	16627	86.8	2292	11.9
	MASCULINO	20649	379	1.8	16943	79.9	3777	18.3
	TOTAL	39813	624	1.6	33120	83.2	6069	15.2
1996/1997	FEMININO	19016	269	1.4	16414	86.3	2330	12.3
	MASCULINO	20024	363	1.8	15991	79.9	3670	18.3
	TOTAL	39040	632	1.6	32405	83.0	6000	15.4
1997/1998	FEMININO	18516	234	1.3	15786	85.3	2496	13.4
	MASCULINO	19666	395	2.0	15437	78.5	3834	19.5
	TOTAL	38182	629	1.6	31223	81.8	6330	16.6
1998/1999	FEMININO	18128	280	1.5	15608	86.1	2240	12.4
	MASCULINO	19414	404	2.1	15267	78.6	3701	19.1
	TOTAL	37542	684	1.8	30875	82.2	5941	15.8
1999/2000	FEMININO	17771	294	1.7	15125	85.1	2352	13.2
	MASCULINO	19045	476	2.5	14760	77.5	3809	20.0
	TOTAL	36816	770	2.1	29885	81.2	6161	16.7

Após a avaliação específica da situação escolar vivenciada pelos alunos em cada um dos ciclos da escolaridade obrigatória na RAM, a Tabela 4 faculta uma panorâmica

generalizada do comportamento desta população escolar e permite extrair algumas conclusões. Nomeadamente:

i) o número de alunos matriculados diminuiu gradualmente;

ii) o volume de rapazes inscritos apresentou-se superior ao das raparigas (por influência da relação de masculinidade patente no 1º e 2º ciclos);

iii) as saídas do sistema escolar agravaram-se nos dois últimos anos em estudo, respectivamente, 1998/99 e 1999/2000 e incidiram preferencialmente no sexo masculino;

iv) a taxa de retenção agravou-se no último ano lectivo em estudo (1999/2000) e penalizou de forma mais intensa o género masculino.

De salientar que as saídas no 3º ciclo se destacaram sempre dos ciclos anteriores, devido ao volume significativo que manifestaram. Daqui se depreende que o 3º ciclo se constituiu como o mais selectivo, porquanto "excluiu" do sistema educativo os alunos menos motivados e/ou menos empenhados e, de acordo com a Tabela 3, a "exclusão" recaiu no sexo masculino.

GRÁFICO 1. EVOLUÇÃO DA RETENÇÃO NA ESCOLARIDADE OBRIGATÓRIA NO ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA, CONSOANTE OS SEXOS, CICLO E ANO LECTIVO (1994 – 2000)

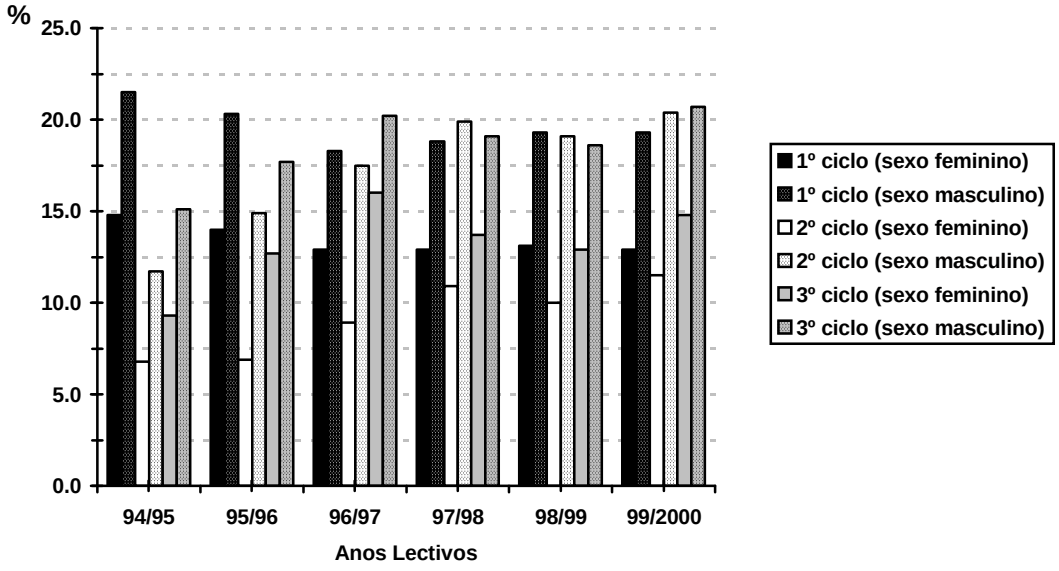
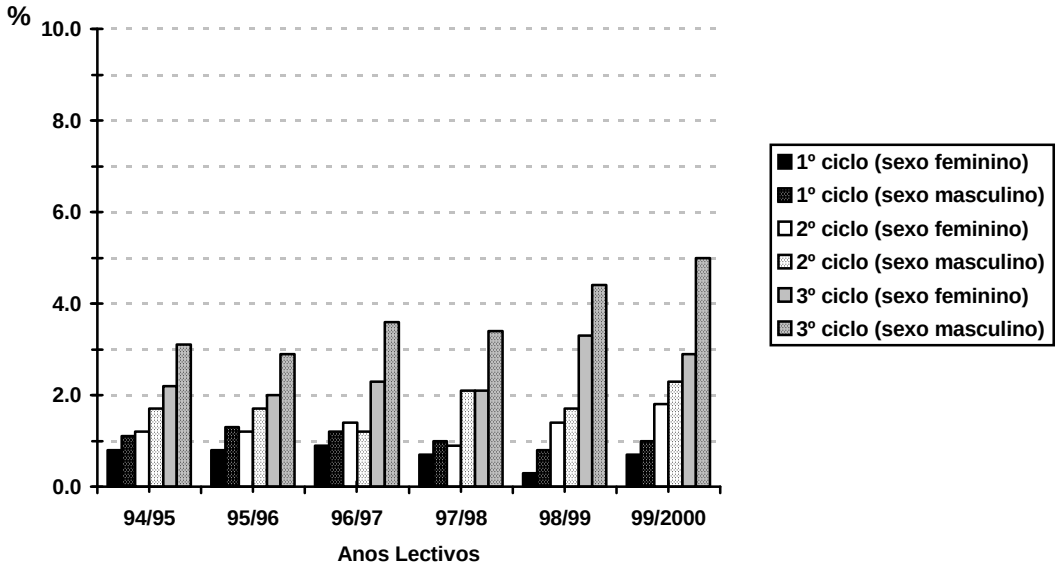


GRÁFICO 2. EVOLUÇÃO DO ABANDONO NA ESCOLARIDADE OBRIGATÓRIA NO ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA, CONSOANTE OS SEXOS, CICLO E ANO LECTIVO (1994 – 2000)



Relativamente à repetência, o Gráfico 1 permitiu concluir que em todos os ciclos e anos lectivos os rapazes foram mais penalizados pelo insucesso escolar, assinalando assim de forma significativa a diferença patente nos desempenhos académicos de cada um dos géneros.

Também o abandono escolar, tendencialmente incidente no sexo masculino se agravou duplamente: quer na transição para o ciclo seguinte, quer ao longo do período considerado. Deste modo, as saídas do sistema inicialmente reduzidas aumentaram na transição para o 2º ciclo e atingiram os valores mais elevados no último ciclo da escolaridade obrigatória.

Assim, ao longo da escolaridade, o perfil do aproveitamento acusa quebras sensíveis no início de cada ciclo de estudos, o que segundo Grácio, (1997, pp.51-52) " sugere um desfavorecimento dos rapazes (…) quando as dificuldades de aprendizagem são maiores e acompanhadas da transição para um universo social diferente. "

De acordo com esta constatação, não podemos surpreender-nos com o facto de o insucesso escolar masculino ter continuado a apresentar valores mais significativos do que os do feminino nos 2º e 3º ciclos. Perante estas análises, podemos concluir que se o insucesso escolar gera novos insucessos, é plausível que os rapazes que tiveram esta experiência no 1º ciclo, tenham sido novamente vitimados nos ciclos seguintes.

Assim, o cômputo geral da RAM demonstra-nos que em todos os ciclos e anos lectivos as taxas de insucesso escolar dos rapazes foram mais elevadas do que as das

raparigas e em alguns casos os seus valores conseguiram mesmo duplicar os do sexo oposto.

Linhas Conclusivas

Uma vez que estes dois fenómenos – insucesso e abandono escolar – se afiguraram predominantemente masculinos, torna-se imperativo tecer algumas considerações complementares para a explicação desta ocorrência. Assim, além das disparidades sócio-económicas que caracterizam os alunos, o factor género consegue também condicionar, em maior ou menor grau, os desempenhos académicos.

Para Grácio, (1997, p.61) "é provável que certos recursos do sistema de disposições das raparigas, como a maior estabilidade motora, o maior auto controlo e autonomia, lhes permitam quer trabalhar melhor nas tarefas escolares como serem mais apreciadas pelos professores," o que significa que a primeira socialização, além de ser favorável às suas realizações escolares, faculta ainda incitações eventualmente favoráveis àquelas realizações.

A diferença comportamental manifesta por cada um dos sexos foi também ilustrada por Baudelot e Establet (s.d., pp.110-111), no estudo que efectuaram sobre os jogos de crianças no recreio da escola. Concluíram então que os rapazes agem com um mínimo de regras e um máximo de barulho, ocupando o máximo de espaço e mobilizando um grande número de parceiros, enquanto as raparigas ocupam economicamente o espaço, com o máximo de regras e um pequeno número de parceiros.

Por outro lado, o prolongamento destes comportamentos no contexto da sala de aulas beneficia o sexo feminino, visto que o domínio de todo o conjunto das interacções, que incluem entre outros, os trabalhos de grupo, lhes permite tirar melhor partido das aprendizagens escolares (Felouzis referido por Grácio, 1997, p. 62).

Também a tradicional definição do género masculino, intrínseca à valorização física e a todas as condutas associadas, nomeadamente a turbulência e a agressividade, compõem uma relação menos favorável às exigências das aprendizagens escolares, ao mesmo tempo que sugerem um consequente prolongamento negativo no quadro escolar, quando não se relacionam com um capital cultural familiar elevado (Grácio, 1997, p. 72).

Contudo, não podemos imputar o baixo sucesso escolar dos rapazes apenas aos factores genéticos, pois as influências do ambiente social, tanto em casa como na escola afectam inúmeros aspectos, donde destacamos o desenvolvimento da linguagem, a

capacidade de leitura, as capacidades motoras finas e ainda os níveis de concentração. As dificuldades sentidas nestas áreas, fruto da conjugação de inúmeros factores, aumentam assim a probabilidade de os rapazes se tornarem agressivos, frustrados ou mal – comportados.

Do lado das raparigas, existe a tendência geral para um acentuado investimento escolar relacionado com uma maior concentração nas tarefas.

Segundo Macmillan (2005, p. 110), os rapazes além de evidenciarem maior tendência para problemas de comportamento que as raparigas, apresentam actualmente um atraso a todos os níveis, em quase todas a matérias escolares, assim como um desinteresse em continuar a estudar.

Duas investigações de âmbito internacional levadas a efeito sobre a capacidade de leitura, a PISA (2000) e a PIRLS (2001), salientaram também esta disparidade de desempenho entre os sexos. Em conjunto, estes dois estudos avaliaram a capacidade de leitura de crianças em mais de 50 países e os resultados revelaram que aos nove e aos quinze anos de idade, a capacidade de leitura dos rapazes era inferior à das raparigas em quase todo o mundo.

Embora historicamente, os rapazes sempre tivessem revelado tendência para superar as raparigas nas disciplinas de Matemática e Ciências, actualmente, devido ao aumento da discrepância na capacidade de leitura entre os sexos, as raparigas não só estão a começar a contrabalançar, como ainda a ultrapassá-los nestas matérias. Em relação à Matemática, a pesquisa PISA (2000) revelou que a prestação das raparigas de quinze anos de idade era igual à dos rapazes em 26 dos 42 países, e melhor num país – a Albânia. Nas Ciências, os resultados das raparigas eram iguais aos dos rapazes na maior parte dos países, e em dois deles significativamente superiores.

Pesquisas recentes efectuadas em Inglaterra revelaram ainda que os rapazes são mais infelizes na escola, não fazem os trabalhos de casa, comportam-se mal ou faltam às aulas duas vezes mais que as raparigas (Macmillan, 2005, p.113). Segundo este autor (2005, p. 15), a testosterona é a responsável pelo ritmo diferenciado do desenvolvimento do cérebro masculino, pelo que comportamentos como a delinquência, a agressividade, as variações súbitas de humor ou os comportamentos irresponsáveis, entre outros, são mais comuns nos rapazes. Se atendermos a que os níveis de testosterona são susceptíveis de variar até 50,0 % no mesmo dia, podemos concluir que o sexo masculino se encontra mais exposto a comportamentos inconstantes.

Deste modo, é na confluência entre os factores ou situações ambientais e as influências hormonais que encontramos a origem e explicação para determinados tipos de comportamento. Ou seja, as circunstâncias sociais, económicas e culturais, a qualidade da relação com os pais, o estatuto social entre amigos, bem como o nível de competitividade ou conflito, além de terem influência nos níveis de testosterona influenciam os comportamentos (Macmillan, 2005, p.151) e consequentemente os desempenhos académicos.

Assim, um rapaz não consegue lidar tão bem como uma rapariga da mesma idade, com as pressões sociais, os estímulos instintivos e outras situações emocionais, razão pela qual muitas das suas atitudes são movidas quer por sugestibilidade, quer por puro impulso.

A própria sociedade estabelece estereótipos para cada um dos géneros. Enquanto as raparigas são consideradas como mais faladoras e mais emotivas, aos rapazes atribuem-se características como a valentia e a coragem e estabelece-se que não devem chorar. É também em conformidade com as características inatas a cada género que os comportamentos assumem características distintas. Assim, os jogos físicos violentos são bastante mais frequentes entre os rapazes que passam uma parte significativa dos seus tempos livres mais envolvidos em actividades competitivas de grupo como o futebol.

Porém, enquanto os estereótipos do género feminino têm vindo a alterar-se rapidamente, os do género masculino ainda se mantêm arreigados ao passado. Os próprios rapazes procuram a imagem que se supõe corresponder à masculinidade e muitos dos aspectos que moldam o seu comportamento masculino resultam da observação (reparam nas actividades dos indivíduos do mesmo sexo, no comportamento dos amigos) e interacção com o ambiente envolvente (exposição a valores transmitidos pelos pais e amigos). Deste modo, para os rapazes, correr riscos ou integrar o mundo do trabalho advém da necessidade de estabelecer domínio sobre grupos de outros rapazes, para desse modo obterem determinado estatuto social.

À medida que os jovens vão tentando desenvolver a sua identidade, a dependência dos pais dá lugar a um novo tipo de dependência: a dos amigos. É aqui que as influências se sucedem numa linha competitiva, onde a encruzilhada entre o mundo do trabalho e o mundo escolar se coloca aos rapazes economicamente desfavorecidos, cujo quotidiano se desenrola num contexto familiar onde a escola surge desvalorizada face ao trabalho que se afigura apetecível, porquanto permite o acesso imediato a inúmeros bens.

Os conflitos familiares, a fragilidade de laços afectivos com a família, o tipo de amigos, a deficiente integração social e ainda o mau aproveitamento na escola, constituem também factores que na globalidade afectam mais os rapazes. Deste modo, a sua ansiedade pode traduzir-se em atitudes que são a resposta a estes conflitos, originando reacções negativas e comportamentos desviantes de intensidade crescente, onde as atitudes agressivas (físicas ou verbais) que muitas vezes adoptam, provocam a sua exclusão social no seio das instituições escolares.

Uma vez que as características rurais se fazem sentir em todos os concelhos da RAM à excepção de Funchal, os aspectos supra-referidos conjugam-se numa associação fortemente negativa direccionada sobretudo para os rapazes. Assim, nos concelhos onde efectuámos o nosso estudo de campo,[13] a desvalorização da escola aliada às dificuldades económicas onde a mão-de-obra familiar é necessária para cultivo dos minifúndios são, entre outros, alguns dos aspectos que induzem os rapazes a confluir para situações de insucesso e abandono escolares.

Uma das Escolas Básicas e Secundárias onde nos deslocámos possuía um Quadro de Honra afixado no recinto de entrada da escola. Cada um dos anos de escolaridade transactos ostentava as fotos dos quinze melhores alunos. Contudo, uma apreciação atenta permitiu constatar que em cada ano lectivo, num total de quinze alunos cerca de dez eram do sexo feminino. Tal facto é elucidativo da discrepância de aproveitamento entre os géneros e testemunho da vantagem das raparigas face ao sexo oposto.

Outro contraste que se alcançou através da análise dos diálogos encetados prende-se com a disparidade dos comportamentos entre as raparigas e os rapazes. Ou seja, as raparigas têm melhores notas e faltam menos às aulas.

As nossas entrevistas permitiram apurar que no sexo masculino o desinteresse académico se manifestava desde cedo e que o absentismo era uma situação comum e vivenciada em grupo. A este propósito, um dos nossos inquiridos referiu que o absentismo das raparigas apenas foi notório no 7º ano de escolaridade.

"(…) faltávamos mais às aulas por causa das raparigas…faltávamos às vezes com elas, No 7º ano as raparigas já faltavam."

Uma vez que estas se identificam mais com as aprendizagens escolares do que os rapazes, tal facto reflecte-se no seu rendimento escolar, que é superior ao do sexo

[13] Câmara de Lobos e S. Vicente.

oposto. Face a esta constatação, não podemos excluir as configurações sociais que informam a divisão sexual das tarefas e responsabilidades. Assim, o quadro ideológico que define o papel de ambos os sexos relativamente ao trabalho, exerce uma pressão maior sobre os indivíduos do sexo masculino, já que é aos homens que se atribui a responsabilidade de garantir o sustento da família. Circunstância que leva significativo número de rapazes a minimizar o papel da escola e a abandonar precocemente os estudos para ingressar no mercado de trabalho. O esquema normativo que nestes concelhos remete as mulheres para uma posição de dependência e submissão em relação ao trabalho dos homens[14] acaba por permitir que as raparigas tirem maior proveito da sua passagem pela escola e venham a obter níveis mais elevados de capital escolar.

Constatámos ainda que o insucesso e o abandono escolares penalizaram sobretudo os alunos oriundos de meios sociais, económicos e culturalmente desfavorecidos pois os seus discursos permitiram depreender que vivem na ansiedade de adquirir certas roupas e frequentar determinados lugares. Para concretizar tais desejos precisam do seu próprio dinheiro, o que os encaminha precocemente para o mercado de trabalho e os afasta definitivamente da escola. Aliás, é muitas vezes a própria escola que promove o espírito consumista, pois a subtileza das comparações que se geram entre os bens ostentados, incentivam os alunos mais pobres a sentirem necessidade de trabalhar.

Desempenhando actividades remuneradas, estes jovens podem dispor de algum dinheiro, o que lhes permite adquirir alguns dos bens de consumo ambicionados, nomeadamente telemóvel e roupa, embora todos os rapazes tenham atribuído grande importância ao automóvel cuja posse é sinónima de mobilidade social ascendente. Para além disso, contribuindo monetariamente para o rendimento familiar, obtêm da parte dos pais, de escassos recursos, um tratamento mais prestigioso.

Embora os projectos dos rapazes para o futuro não mencionem o casamento, têm em comum o facto de todos ambicionarem ser jogadores de futebol. No entanto, conscientes de que este sonho dificilmente se concretizará, os seus propósitos passam sobretudo pelo trabalho na construção civil ou em bares e restaurantes. Quanto às raparigas, o futuro ambicionado decorre do facto de terem casa própria, casarem e terem filhos, situação que lhes confere um estatuto social respeitável.

Embora a explicação para o predomínio feminino no meio académico possa ser eventualmente encontrada na conjunção de factores genéticos, sociais, económicos,

[14] Todos os inquiridos referiram que o pai detém o poder no seio familiar.

culturais e mesmo ambientais, esta supremacia das raparigas face ao sucesso escolar não deixou de se constituir como uma realidade presente e objectiva no panorama educativo dos anos em estudo.

Face a estas constatações, podemos concluir que a confluência de factores genéticos, económicos, culturais, sociais e ambientais, influencia de forma mais significativa os rapazes, pelo que não é de estranhar que o insucesso e o abandono escolar se assumam cada vez mais como fenómenos predominantemente masculinos.

Bibliografia

Antunes, José Joaquim, (1989). "Os Abandonos Escolares no Ensino Básico" pp. 95-132 in *O Ensino Básico Em Portugal*, Porto: Edições ASA.

Baudelot**,** Christian & Estabelet**,** Roger, (s.d.). *Allez Les Filles*, Paris: Seuil.

Benavente, Ana, et al., (1994). *Renunciar à Escola - O Abandono Escolar no Ensino Básico*, Lisboa: Fim De Século Edições.

Bento, António, (2005, Dezembro, 7). *Efeitos das Transições de Ciclo e Mudanças de Escola: Perspectivas dos alunos do 5º ano (2º Ciclo)* in I Colóquio DCE-UMa, Funchal.

Carvalho**,** Angelina, (1998). *Da Escola ao Mundo do Trabalho*, Lisboa: I.I.E.

DEP / GEF, (1995). *A Luta Contra o Insucesso Escolar: Um Desafio Para a Construção Europeia*, Lisboa: Eurydice.

Fernandes**,** João Viegas, (1987). *A Escola e a Desigualdade Sexual*, Lisboa: Livros Horizonte.

Ferreira Ana Maria Monteiro, (2002). *Desigualdades de Género no Actual Sistema Educativo Português*, Coimbra: Quarteto.

GEP / ME, (1992). *Insucesso e Abandono Escolar*, Lisboa: Ministério da Educação.

Grácio, Sérgio, (1997). *Dinâmicas da Escolarização e das Oportunidades Individuais*, Lisboa: EDUCA.

Iturra, Raul, (1990). *Fugirás à Escola para Trabalhar a Terra – Ensaios de Antropologia Social Sobre o Insucesso Escolar*, Lisboa: Escher.

Macmillan, Bonnie, (2005). *Porque São Diferentes os Rapazes*, Lisboa: Plátano Editora.

Mendonça, Alice, (2005, Dezembro 7). *Sucesso/Insucesso: Percursos da Organização Escolar* in I Colóquio DCE-UMa, Funchal.

Mendonça, Alice, (2007, Fevereiro 5). *Insucesso Escolar – A Escolaridade Obrigatória no Arquipélago da Madeira em finais do Século XX (1994-2000)*, Tese de Doutoramento apresentada à Universidade da Madeira, Funchal.

Nogueira, Maria Alice, et al., (org.). (2000). *Família & Escola - Trajetórias de Escolarização em Camadas Médias e Populares*, Petrópolis: Editora Vozes.

Paquin**,** Anne & Parent, Ghyslain, (1994)." Inquérito Junto dos «Desertores» Sobre as Razões do Seu Abandono Escolar " vol. XX, nº 4, pp. 697-718 in *Revue des Sciences de L' Éducation.*

PEPT 2000, (1995). *Caracterização Regional dos Factores de Abandono e Insucesso Escolar nos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico*, Lisboa: Ministério da Educação.

Pinto, Graça Alves, (1998). *O Trabalho das Crianças - De Pequenino é Que se Torce o Pepino (e* o Destino), Oeiras: Celta Editora.

(PIRLS). Mullis, I.; Martin, M.; Gonzalez, E.; Kennedy, A.(orgs.). (2003). *PIRLS Internacional Report: IEA's Study of Reading Literacy Achievement in Primary Schools,* MA: Chestnyt Hill, Boston College.

Relatório do Desenvolvimento Humano (1994 - 2000). PNUD, Lisboa: Trinova Editora.

Rolla, Jorge Silva, (1994). *Do Acesso Ao (In)Sucesso - A questão das (Des)Igualdades,* Cadernos Correio Pedagógico, nº 24, Porto: Edições ASA.

Seabra**,** Teresa, (1999). *Educação nas Famílias - Etnicidade e Classes Sociais,* Temas de Investigação 9, Lisboa: Ministério da Educação, I. I. E..

Silva, Cristina Gomes da, (1999). *Escolhas Escolares, Heranças Sociais,* Oeiras: Celta Editora.

Stoer, Stephen ; Araújo, Helena C.,(2000). *Escola e Aprendizagem Para o Trabalho Num País da (Semi)Periferia Europeia,* 2ª ed., Lisboa: I.I.E..

Toscano Moema, (2000). *Estereótipos Sexuais na Educação,* Petrópoles: Editora Vozes.

UNESCO, *Literacy Skills for the Word of Tomorrow- Further Results from PISA 2000,* (2003). Paris, France: Institute for Statistics, OECD Publications.

FONTES

Direcção Regional de Estatística:

XIII Recenseamento Geral da População, I.N.E., Lisboa, 1991.

XIV Recenseamento Geral da População, I.N.E., Lisboa, 2001.

Direcção Geral de Planeamento e Recursos Educativos:

● Relatórios de Insucesso (1994-2000)